

A CONFUSÃO QUE DESFEZ A TORRE DE BABEL

Podcast Bobagens Imperdíveis

Transcrição do episódio

A Torre de Babel foi uma história que alugou um triplex na minha cabeça quando eu era criança. Tanto que quase não acreditei quando fui procurar na Bíblia agora, já adulta, e percebi que essa história não passava de 9 versículos, dentro do livro de Gênesis.

Então todos os detalhes da história que faziam ela parecer enorme, todos os personagens que eu imaginava, os efeitos da confusão mental na vida deles, até a torre desmoronando, uma obra incompleta ruindo num grande estrondo no ato final, tudo isso existia apenas na minha cabeça? Parece que sim. Não é de hoje que eu fico aumentando as histórias que eu escuto.

O mito conforme o que a Bíblia conta é o seguinte:

Muito, muito tempo atrás, todas as pessoas do mundo falavam o mesmo idioma. Todas as pessoas do mundo, no caso, era uma galera relativamente pequena, já que tinha rolado um dilúvio que varreu a humanidade da face da Terra e só sobraram os descendentes de Noé. Essa galera encontrou um planaltão no meio do nada e resolveu se estabelecer ali e construir uma cidade. Mais do que uma cidade, eles queriam construir uma torre que alcançasse os céus e com esse monumento fazer o nome deles. Uma grande obra para ficarem para a História. Com muito trabalho coletivo, motivação lá em cima, muito tijolo de barro cozido e muito betume para usar de argamassa, esse povo começou a erguer a torre.

Até que Deus, do alto do seu tédio cósmico, cansado de ver, sei lá, estrelas explodindo em câmera lenta, desceu dos céus para ver o que aquelas pessoinhas estavam aprontando. Já fazia um tempo desde que a Terra tinha secado, era bom ir dar uma conferida. Foi quando ele viu aquela obra a todo vapor, chegando mais alto do que ele imaginava que elas fossem capazes de ir e pensou: "ih, rapaz. Essa gente unida vai me dar dor de cabeça. Estão achando o quê? Que podem fazer tudo, sem limites? Nada disso, aqui arrogância não se cria!" E aí com um Zap ele mandou uma onda de confusão que fez as pessoas começarem a falar línguas diferentes umas das outras. E assim Deus criou a profissão de tradutor... e os cursos do CCAA em um só golpe.

Atordoadas, as pessoas não conseguiam mais se entender, não sabiam mais o que o chefe de obras queriam que fizessem, ou onde despejar aquela areia, ou como se organizar para o trabalho, e foi ficando inviável continuar uma obra daquele porte se até as tarefas do dia a dia e as relações foram ficando impossíveis naquela grande Babel, que para os hebreus, era uma palavra para confusão.

[Áudio do Gilmar Mendes] "Ou, como se diz em alemão, eine große Konfusion!"

No final da história, as pessoas não tiveram outra escolha se não desistir daquele empreendimento e, em vez de viverem concentradas numa cidade de arranha-céus, tiveram que se espalhar sobre a Terra.

Sei que tem quem leve a Bíblia muito ao pé da letra ao ponto de achar que ela é um livro de regras, ou um registro histórico. Que foi realmente assim que surgiram os diferentes idiomas. Eu prefiro olhar para a Bíblia como uma obra literária. Bem, não deixa então de ser um registro histórico, ao menos do imaginário de um povo, que estava contando aquelas histórias por um motivo. Buscando sentido no mundo através delas, como fazemos até hoje.

Como qualquer obra literária, pode ser uma porta de acesso para o pensamento de uma época, para a mente das pessoas que a escreveram. E, como qualquer obra literária, tem o potencial de também dizer algo sobre quem está lendo, sobre nossa época, nossos pensamentos, através desse processo muito louco de fazer ficar de pé a palavra que está deitada, e colocar ela para dançar, processo também chamado de interpretação. O super poder do leitor.

Não preciso acreditar em Deus para mergulhar nas metáforas dessas histórias, tentar descobrir o que elas me dizem. Assim como não preciso acreditar em um narrador para que a narrativa que ele conta me afete.

E o que sempre me intrigou nessa história da Torre de Babel, que fez ela ficar na minha cabeça todos esses anos, foi esse mito de origem do desentendimento. Que é um tema que até hoje mexe muito comigo. E na Bíblia o desentendimento é apresentado como uma punição. O ser humano não se entende porque um dia foi arrogante demais. Não que tenha deixado de ser, mas agora com a complicação de fazer isso em mais de 6 mil idiomas.

Por que nessa história Deus viu como um problema as pessoas se entendendo e cooperando, tendo um objetivo em comum, construindo algo grande? Por que teve que embaralhar as coisas? Como teria sido o resto da Bíblia se o tempo todo as pessoas se entendessem e falassem a mesma língua? Talvez um livro com menos chance de se tornar um bestseller.

A Torre de Babel nunca chegou a tocar os céus, mas levantou várias perguntas: houve um dia uma língua da qual se originou todas as outras? Por que o ser humano fala tantas línguas diferentes? Tiveram outras culturas que tentaram explicar essa particularidade humana? Tem alguma outra interpretação para essa história que eu não estou conseguindo ver? E talvez, a maior dúvida da minha vida: por que, ainda que falem a mesma língua, as pessoas não se entendem?

Não, essa não vai ser uma aula de catequese. Essa vai ser uma escritora de novo em situação de procurar respostas.

Eu sou Aline Valek e você está ouvindo Bobagens Imperdíveis.

- - -

[Áudio de pessoas recitando versos em uma língua indígena]

"Aqui estamos nós, tudo está silencioso e calmo. Somos os primeiros a falar". É isso o que disseram as vozes que você ouviu agora, no idioma Quiché, um dos povos maias que vivem no México e na América Central. Interessante como nessa mitologia os deuses surgem do som, da fala. Eles são deuses porque foram os primeiros a falar.

E porque a conversa era aparentemente algo muito importante para esses deuses, a primeira coisa que eles fizeram, depois daquela parte mais braçal de separar o céu da Terra, de criar o dia e a noite, criar as plantas, os animais, foi puxar assunto. Com quem? Com os animais. Ver o que eles tinham para dizer. Mas os animais não conseguiam responder, eles só conseguiam miavam, grasnavam, uivavam e mugiam. Os deuses ficaram arrasados com isso e fizeram o que os deuses fazem de melhor, que é punir de forma arbitrária e desproporcional seres de sua própria criação. Então eles condenaram os animais, que viviam em comunhão pacífica até então, a viverem fugindo uns dos outros, a virarem comida dos outros bichos.

Resolveram então partir para a próxima e criar uma criatura que pudesse falar com eles. Tentaram primeiro com o barro, só que ela não falava coisa com coisa, mal ficava de pé. Ah não, esquece, deleta esse projeto. Tentaram de novo, dessa vez com criaturas de madeira. Essas até falavam, mas elas não tinham sentimentos, elas tinha uma cabeça oca. Do que ia adiantar conversar com elas? Manda um dilúvio pra varrer essa gente madeira da face da Terra. Depois tentaram de novo. Dessa vez pegaram umas espigas de milho bem bonitas, amarelas, vermelhas e brancas que tinham amadurecido, fizeram uma massa toda especial e usaram para moldar o ser humano. Olha que maravilha, nessa mitologia as pessoas são feitas como a pamonha. E aí sim deu bom! Elas falavam direitinho, eram inteligentes.

Assim surgiram as primeiras pessoas que deram origem à humanidade. Que, no caso, era a galera da América Central. E eles passaram um bom tempo nessa primeira terra, Túlán, vivendo tranquilos, crescendo a família, até resolverem cair no mundão e explorar outras paragens. Elas atravessaram vários lugares, andaram pelas cordilheiras, subiram as montanhas. Nesse processo, elas foram se separando em vários grupos. Alguns foram mais rápidos, outros ficaram para trás. O grupo que chegou primeiro no topo da montanha chegou morrendo de frio. Pediu, implorou aos deuses para dar uma

chaminha que fosse para eles se aquecerem, então os deuses: "ah tá bom, toma aqui o fogo. Mas não me peçam mais nada!"

Depois chegou um grupo atrasado, aí você vê que deve ter demorado muito tempo essa caminhada inteira, porque quando eles chegaram lá, também morrendo de frio, foram pedir esse fogo emprestado para esse pessoal que já estava lá. E eles não entenderam nada do que esse povo estava dizendo.

Como assim vocês esqueceram as palavras que a gente falava lá em Túlan? Em que confusão vocês caíram?

A situação de paz e harmonia dos Quiché se desmanchou nesse episódio da confusão dos idiomas. Que acabou servindo de explicação para origem dos conflitos entre os diferentes grupos Quiché e também para a formação dos grupos linguísticos quicheanos, que por sua vez estão dentro da família linguística maia. Esse idioma é falado por aproximadamente 1 milhão de pessoas na Guatemala e cerca de 580 falantes no México, ainda hoje.

Toda essa história me chamou a atenção pelas semelhanças com a Bíblia. A criação começar a partir do verbo, ter dilúvio, ter um episódio parecido com a da Torre de Babel...

Essa história da criação está descrita no Popol Vuh, que é o livro sagrado maia. Assim como a Bíblia, o Popol Vuh é o registro escrito de histórias que eram transmitidas oralmente entre os povos Maias-Quiché. A versão mais antiga do Popol Vuh que chegou aos dias de hoje foi transcrita em espanhol por um frei dominicano em 1701. Daí podem ter surgido essas estranhas coincidências com o livro de Gênesis da Bíblia. Ou onde elas ficaram mais fortes. Não se sabe o quanto as histórias originais foram modificadas nesse processo de ganhar novas versões e traduções. Mas também penso no quanto essas histórias mudavam quando eram contadas oralmente, antes mesmo dos colonizadores chegarem, passando de boca em boca, dos pais para crianças, dessas crianças depois para seus netos...

Quantas dessas histórias não foram contadas para saciar a curiosidade das crianças perguntando: "mas por que existem pessoas que falam outra língua? Por que todo mundo não fala a nossa língua?" O tipo de coisa que os adultos não sabem e aí inventam. "Então, muito tempo atrás as pessoas estavam subindo uma montanha"... ou: "Teve uma vez que o povo resolveu construir uma torre beeeem alta..." Cada cultura teve que encontrar uma resposta para essa dúvida.

Na versão bíblica é interessante notar como o desentendimento veio de uma vez. VRAU. Deus lançou lá de cima, pra dispersar as pessoas confusas sobre a Terra. Já no Popol Vuh o desentendimento veio com o tempo e a distância, um processo longo, gerado pelo processo de migração. Que também foi o que fez as pessoas se espalharem pela Terra.

A versão maia é a que mais se aproxima das descobertas da linguística. Os sons e os sentidos das palavras foram evoluindo com o tempo, transformando-se até chegar em idiomas bem diferentes. Um processo lento, gradual, que atravessou gerações. Mas que deixa vestígios nas línguas que as pessoas falam. Foi assim que linguistas descobriram o parentesco entre idiomas bem diferentes.

É como rastrear antepassados na árvore da evolução biológica e perceber, por exemplo, que baleias e vacas têm um ancestral em comum. Várias línguas que parecem não ter nada a ver uma com a outra saíram do mesmo tronco. Por exemplo, o português que a gente fala e o hindi, o idioma que falam na Índia, estão ligados. Algumas palavras são até parecidas. Como "chave", "mesa", ou "câmara". Ainda que sejam parentes distantes, são idiomas que partiram do mesmo tronco linguístico, o tronco Indo-Europeu. O idioma nativo de metade da população do mundo hoje veio desse tronco. Mas não é o único. O idioma humano está mais para um bosque com várias árvores, umas maiores e outras menores, do que uma grande e solitária árvore.

Por exemplo, o hebraico, a língua original da Bíblia, pode ser encontrada no grande tronco afro-asiático, no ramo semítico, onde também floresce o árabe. Já o Quiché é um dos galhos do tronco Maia. E as línguas ameríndias estão espalhadas entre tantos troncos diferentes, como o Macro-Jê, o Tupi, o Quéchua, que parecem até uma grande floresta.

Mas a busca pela grande e solitária árvore, o idioma-mãe que teria dado origem a todos outros, nunca parou. Alguns linguistas chegaram perto. O primeiro a farejar essa origem foi um linguista dinamarquês, chamado Holger Pedersen. Em 1903 ele começou a esboçar essa ideia quando foi puxando o fio da palavra em turco para "ganso" e foi descobrindo algumas relações com línguas germânicas, que são de um tronco bem diferente. Então ele propõe a hipótese da existência das línguas nostráticas, que teriam sido anteriores, e portanto um "antepassado em comum" entre várias línguas que hoje são entendidas como de troncos que não tem nada a ver um com o outro. Mas no próprio artigo em que ele lança essa hipótese ele decide não se aprofundar muito no assunto.

Quem faz isso, lá pelos anos 60, é um linguista russo, o Vladislav Illich-Svitych, que desenvolveu bem mais essa Hipótese, propôs um sistema fonético, indicou quais famílias linguísticas teriam se derivado dessa mesma protolinguagem, localizou no tempo e no espaço, sugerindo que fosse a língua falada há 10 mil anos na região do Cáucaso, a área entre a Europa Oriental e a Ásia Ocidental. Mas ele morreu deixando várias pontas soltas no trabalho. Outros linguistas continuaram a partir daí, fazendo correções, aprofundando, tentando dar mais solidez pra essa Hipótese, que continua cheia de lacunas. Não é nenhum consenso, faltam evidências. Então ainda não é possível dizer se ela

realmente existiu, se foi a língua que gerou todas as outras, ou se existiu ainda uma família linguística ainda anterior a ela.

Ainda que essa hipótese pudesse ser comprovada e a gente soubesse do momento em que existiu apenas um só idioma, será que é possível dizer que nesse momento, nesse idioma único, as pessoas se entendiam?

- - -

Eu devia ter uns 5 anos quando resolvi perguntar pra minha mãe: "quem foi que inventou as palavras?" Lembro da minha mãe parar, pensar, fazer aquela cara de quem está fazendo download de tudo o que aprendeu na escola pra achar a resposta e então dizer algo como "ah, foram os antigos sumérios". E eu emendar: "tá, mas quem foram os sumérios", e ela responder "era um povo que vivia no deserto", e eu começar um looping de perguntas até provavelmente chegar no Gênesis da Bíblia e o homem dando nome para as coisas. Um começo inventado, porque o verdadeiro começo foi ainda mais antigo, contado em uma língua há tanto tempo esquecida que provável nem tenha existido.

Como podia eu já ter esse tipo de dúvida antes mesmo de saber ler? Eu não sabia que as palavras é que carregavam significados, eu achava que ler era procurar os desenhos que os espaços vazios entre as letras formavam. De alguma forma, eu estava certa. Leitura é interpretar esses espaços vazios, preencher os buracos de significado.

A Bíblia parece então um queijo suíço, cheia de buracos, muitos deixados pelo tempo e pela distância com as primeiras pessoas que contaram essas histórias, outros pelas inúmeras versões e traduções que surgiram pelo caminho. Buracos que são preenchidos por cada um ou por cada época de uma forma diferente, algumas de formas bem nocivas, aliás. Mas a beleza das histórias esburacadas é que é justamente por essas lacunas que elas continuam vivas, conversando com leitores através das gerações.

Lá fui eu em busca de outras peças para encaixar nesses buracos. Pra isso, pedi ajuda. Chamei a Ariela K., autora de uma das minhas newsletters favoritas. Ela escreve, entre outras coisas, sobre a Bíblia de uma perspectiva literária. Isso me abre vários horizontes. Vou deixar o link na descrição desse episódio para você conhecer. Antes de desdobrar as interpretações possíveis para esses nove versículos, a Ariela primeiro me explicou o contexto no qual eles foram criados.

Se você imaginar que a Bíblia é na verdade uma colcha de retalhos de histórias que se formaram por mil anos, então é um projeto coletivo dos mais bacanas. A gente não tem ideia de por quantas mãos e por quantas bocas essas histórias rolaram, porque elas rolaram provavelmente oralmente por séculos, até que foram colocadas por escrito, e isso

especialistas falam que rolou mais ou menos no ano 500 antes da era comum, antes de Cristo, que é quando os judeus estavam no exílio babilônico. Os reinos Hebreus tinham o hábito de cair. Então o primeiro Império que tentava conquistar, caía sempre. Então caiu para os egípcios, caiu para os assírios, caiu para os babilônicos. E quando caiu para Babilônia, o que a Babilônia fez para não ter revoltas foi pegar a elite Judaica da época e mandar para Babilônia, deixar eles lá, contando que o povão que ficou nas terras não ia se rebelar sozinho. Então chegou um bando de caipira, de jeca do reino da Judeia na Babilônia, que tinha aquelas torres imensas, eles falaram "putz, vamos manter essas histórias aqui". Essas histórias que o povo já contava fazia um tempão, que tinha origem inclusive em outros povos. A torre de Babel... a própria história da Torre de Babel veio dos sumérios, então é anterior aos hebreus. Eles pegam essas histórias, filtram pela experiência passada e pela experiência presente e reinterpretem. Se você pensar que a Torre de Babel é a história destes judeus exilados que estão na Babilônia, vendo esse absurdo do que era uma metrópole na época, que eram muito avançadas, e falando "como que eu vou lidar com isso aqui?" tem todo um viés anti-imperialista na história. Porque eles tão pensando o seguinte: o mundo tá cheio de línguas e de costumes, entre eles os dos hebreus. E quando passam esses impérios eles tratoram tudo que tem na frente deles. É que nem o americano hoje, que já foi o império inglês. A primeira coisa que o império faz é tentar impor os seus costumes, a sua língua, a sua moeda. Ou mesmo quando ele não impõe oficialmente, a gente acaba sendo muito sugado, tipo a gente hoje é muito sugado por tudo que é conteúdo em inglês. Esse ato dos hebreus é muito #resistência em relação a essa uniformização forçada. Então é uma grande rebeldia em relação a essa força que quer fazer as coisas serem únicas. E essa interpretação é mais judaica, mas é o Deus que entra na história para falar "não não" para os impérios. Você não vai impor uma língua, não vai impor um costume. As coisas são múltiplas, as coisas vão permanecer múltiplas.

Então tinha mais por trás dessa história, se a gente levar em consideração a perspectiva da qual ela é contada, quem é que estava narrando. É uma recusa à dominação.

Porque quando os sumérios criaram a língua, a língua escrita, o que eles criaram chama cuneiforme, que é um idioma escrito super não-prático, porque ele não é fonético, ele não busca reproduzir a fala. Cada palavrinha é uma imagem e os símbolos de fato eram carimbinhos. Então o jeito que se escrevia era: pegava o carimbinho da ovelha e você colocava manualmente em cima da argila, e era assim que você marcava a escrita. O cuneiforme foi o jeito de escrever por dois mil anos. Quando caem esses impérios, quando cai a Babilônia em específico, o cuneiforme para de ser a língua franca. Então as pessoas

tinham a linguagem diplomática, como era o latim, por exemplo, como já foi o francês, como hoje é o inglês, era o cuneiforme, era a língua que todo mundo falava, trazia essa linguagem comum. E quando cai o cuneiforme, é o que a Torre de Babel está lidando. Tipo, o que é esse mundo em que a gente não fala a mesma língua? E ao mesmo tempo tem o viés negativo, que é tipo, ah, as línguas se confundiram, mas tem esse viés positivo também: de que somos múltiplos, devemos continuar múltiplos. Então a Torre de Babel, se a gente for ver essa história única, que é o Capítulo 11, a gente tem uma interpretação que pode ser essa do húbris, pode ser essa criação da linguagem, pode ser essa questão que eu acabei de mencionar meio anti-imperialista, mas logo em seguida, na verdade, logo antes, se a gente for ver o texto bíblico, a linguagem já tinha sido criada. Então se você chegar no finalzinho do Capítulo 10, Noé teve vários descendentes, e cada descendente já criou uma língua. Então Babel chega justamente para derrubar as línguas que já foram criadas. Isso reforça a ideia de que não é que Babel é só a origem das línguas, a história de Babel é de alguma forma uma polêmica contra alguma coisa. Porque as línguas já estavam criadas e Babel chegou para uniformizar. Se isso é uma polêmica, é uma polêmica contra o quê? E é uma polêmica da diversidade contra os poderes da uniformidade. A gente herdou muito esse jeito de pensar, né? De conquistar as coisas e tornar as coisas massificadas. A cultura americana, e eu vivo nos Estados Unidos, isso não é de alguma forma anti-americanismo, mas a cultura americana passou como um trator na cultura da América Latina, na cultura europeia, na cultura chinesa. Eu vi hoje mesmo uma chamada na internet que tem uma cidade inteira na China que copia Paris, que é uma loucura, tipo, as pessoas tem uma Torre Eiffel falsa, tem quarteirões inteiros de Paris que são reproduzidos na China. Porque a gente tem, todo mundo tem essa força mimética, de ver no outro alguma coisa que a gente gosta e querer copiar. Mas chega uma hora que a gente para de honrar o que é nosso e simplesmente se vê como um reflexo do outro. E o que é meio que perverso nessa lógica é que a gente sempre vai ser um reflexo defeituoso, porque a gente não é o outro. Então se a gente usa o outro como um guia, como um ícone, não só como inspiração, a gente vai ser sempre de reprodução falha de alguma coisa.

E aí essa interpretação explodiu a minha cabeça. É muito doido pensar que essa história pode ser lida não como uma história de punição, mas como uma história de rebeldia. E não é também como se fosse uma interpretação assim tão inusitada da Bíblia:

Essa rebeldia contra o texto é uma coisa que faz parte da Bíblia em si, é uma coisa que a gente precisa exercitar muito na leitura e nas regras que a gente recebe. Uma coisa que eu acho muito bonita e muito inusitada no texto é que os maiores patriarcas são aqueles que brigam com Deus. Não tem uma

figura grande na Bíblia que não bate boca com Deus em alguma ocasião. Então Abraão bate boca com Deus quando Deus vai destruir Sodoma e Gomorra, ele fica lá enchendo o saco até Deus falar que não vai destruir se tiver ao menos uma pessoa boa... daí Jacó literalmente sai na porrada com o Anjo, a noite inteira na porrada com o Anjo, que provavelmente é Deus, e daí ele ganha o nome de Israel, que significa aquele que luta com os anjos... Moisés bate boca com Deus, não quer ser o escolhido, ele acha que tá errado aquilo, que ele é gago, ele não quer... depois Deus quer destruir os israelitas que fizeram um bezerro de ouro, que é a próxima edição da newsletter, Moisés também vai lá tirar satisfações, tipo "isso aqui não tá certo, é o seu povo, vai matar o quê?"... cada um deles... Jó também bate-boca... cada um dos grandes bate-boca, então acho que tem um jeito da gente sim, estar em conversa com a tradição textual que a gente recebe que não é baixar a cabeça e tipo, admirar os grandes, ou admirar o que a gente recebeu. O que é ver as coisas como algo mais maleável, uma coisa que a gente pode interagir. A gente faz parte dessa conversa, a gente não recebe a conversa pronta e aí tem que se curvar. A gente tem que... é uma abertura para a gente fazer nossas coisas também.

- - -

No momento estou no processo de aprender uma língua nova. Do meu lado, dois cadernos cheios das palavras em alemão que estou conhecendo, tentando absorver, tornar minhas. Meu cérebro está tendo que se reconfigurar para recebê-las, fazer download de uma língua com uma estrutura muito diferente do que eu estou acostumada.

Ai ai, onde fui me meter. Um tronco tão distante da minha língua-mãe! Não por acaso a história da Torre de Babel voltou a habitar minha cabeça. Eu estou vivendo na confusão que as pessoinhas da Bíblia experimentaram nesse episódio.

Esse processo de adquirir linguagem de novo, meio que do zero, me ajudou a perceber algumas coisas. Uma delas é de que a diferença de idiomas pode até complicar a comunicação, mas não é uma barreira intransponível. Dá para atravessar para o território do outro. Tropeçando, confundindo palavras, errando nas pronúncias, mas é possível.

É como no Popol Vuh, você começa a aprender um idioma como se fosse uma criatura de barro, ninguém entende nada do que você fala. Depois como criatura de madeira, que até fala, mas não consegue expressar tudo o que pensa... Até atingir a fluência da criatura de pamonha, é um longo caminho. Mas enquanto isso, a gente sempre encontra um jeito de se comunicar. Usa gestos, aponta para o que quer, tenta em um idioma que seja o caminho do meio. É

doido ver como o entendimento acontece, apesar das diferenças de língua, de culturas.

Conseguir se comunicar não é tanto chegar na precisão, mas ir em direção a ela. É um movimento de aproximação.

Fiquei refletindo muito nas palavras da Ariela. Somos múltiplos e devemos continuar múltiplos. Penso em como a conversa se empobrece quando todo mundo tenta chegar na unanimidade, em gostar das mesmas coisas, em consumir as mesmas referências, em só falar sobre o que todo mundo conhece, em sermos iguais. A loucura de tentar construir Torres de Babel continua ainda hoje.

Penso então no que a Torre de Babel significa agora, pra mim, tendo tudo isso em mente. Não, as pessoas terem começado a falar línguas diferentes nunca foi uma punição. É como se Deus, nessa história, quisesse mostrar que a verdadeira grande obra não é a que construímos para cima, em direção aos céus, para mostrar como somos fodas. A grandeza é o movimento que fazemos para nos estender em direção ao outro, a quem é diferente de nós. É preciso haver esse esforço para atravessar o que parece nos separar. E isso é muito mais difícil de empreender do que qualquer arranha-céu.

Pode não ser possível esse entendimento pleno, absoluto, porque mesmo entre pessoas que vivem no mesmo idioma existe ruído, existe a confusão, existe o não entender. Mas a gente tenta. Se move em direção ao meio do caminho. Porque mesmo que a gente não alcance o entendimento, é nessa aproximação que a gente pelo menos chega no encontro.

- - -

Agradeço muito a você que ouviu até aqui. E, se você gostou desse episódio, recomendo ouvir também o episódio 1.20, O poder da palavra. Volta aí alguns episódios, é na primeira temporada. Conversa muito com o que eu contei aqui, complementa algumas lacunas que essa história de hoje deixou pelo caminho.

Já o desentendimento continua como um mistério em aberto para mim. Por que as pessoas não se entendem? Desconfio que vou acabar voltando a esse assunto mais vezes.

E se eu posso fazer esses percursos narrativos, é porque eu conto com o apoio de centenas de pessoas muito generosas que tornam possíveis toda a pesquisa, o tempo de trabalho, o cuidado que eu posso ter com esse podcast.

Você pode apoiar também, com o valor que puder, pelo tempo que quiser em apoia.se/alinevalek onde você pode ver também quais são as recompensas. Para você que me apoia, o meu salve especial com muito amor! Saiba que você é incrível. Muito agradecida por você

seguir apostando na curiosidade, na imaginação e no poder das histórias.

Um beijo, a gente se encontra no próximo episódio.

E lembre-se: Jamais acredite no narrador.